

25 ABR 1991

## Economia

ESTADO DE SÃO PAULO

Economia Brasil

# O Brasil quer mudar?

NEY LIMA FIGUEIREDO

Pouco antes de deixar o então Ministério da Fazenda, o economista Maílson da Nóbrega, falando a um grupo de empresários, disse estar convencido de que um programa sério de privatização ainda não havia sido executado no Brasil simplesmente porque a sociedade não achava isso importante. A elite brasileira tem o péssimo vício de achar que sabe o que o povo quer, quais são os seus valores e suas atitudes básicas em relação a nossos problemas. Essa posição não tem muita razão de ser: na maior parte das vezes, o que imaginam as elites não coincide com os reais anseios e expectativas dos brasileiros.



Todos sabemos que, nos últimos dez anos, o Brasil empobreceu, distanciando-se do Primeiro Mundo e aproximando-se da África. Os brasileiros têm consciência desse empobrecimento da Nação? Eles estão dispostos a participar de um projeto de reconstrução nacional, fazendo ainda mais sacrifícios? Como é possível motivar o povo? Ele acreditaria em um grande pacto nacional, que envolvesse as forças políticas e as organizações da chamada sociedade civil?

Além dessas questões mais gerais, é preciso saber as motivações mais profundas do brasileiro e o próprio nível de legitimidade do capitalismo em nosso país. O Brasil oferece, na visão do povo, oportunidades para quem quer progredir? Somos individualistas? Os cidadãos pensam em ter o seu próprio negócio? Como vemos o nosso país no futuro?

Essas e outras questões serão levantadas por meio de pesquisas quantitativas e qualitativas, que fazem parte de um projeto que estou coordenando para a CNI, juntamente com sociólogos e economistas da Fiesp, cujo objetivo é saber, afinal, o que somos e o que queremos ser. É evidente que tal levantamento, inédito no Brasil, é extremamente complicado, principalmente pela baixa escolaridade da maioria da população. Em alguns momentos, chega a ser necessário explicar aquilo que se quer saber, com o cuidado de não induzir a esta ou àquela resposta.

Apesar das dificuldades, vale a pena tentar. Os exemplos internacionais são estimulantes. A Espanha fez algo semelhante durante a transição para a democracia. Margaret Thatcher, antes de lançar seu radical programa de privatização, se preocupou em saber se tinha o povo ao seu lado ou não. O presidente George Bush, recentemente, sabia perfeitamente o que pensava a socieda-

de americana sobre o conflito no Golfo.

Acredito que qualquer entendimento nacional deve ir ao encontro dos anseios, expectativas e aspirações do povo. Não é possível discutir projetos que estejam deslocados da realidade. Saber o que o brasileiro pensa, quer e está disposto a fazer é fundamental para que qualquer estratégia dê resultado.

Falando na última reunião do Conselho de Orientação Política e Social da Fiesp, o ex-ministro João Sayad, com muita propriedade, destacou que "sem conhecer corretamente nossa alma política, não conseguimos copiar adequadamente as características de outras democracias do mundo, nem conseguimos inovar. Corremos o risco de abrir mão ou destruir organizações eficientes da experiência brasileira, e copiar mal, enxertando modelos que não funcionam aqui". Adiante ele concluiu: "O debate nacional sobre a sociedade brasileira, sobre a sua organização política, econômica e seus valores parece se desenvolver no vácuo."

O presidente Fernando Collor, durante os primeiros 12 meses do seu mandato, governou por meio de eventos promocionais, falou diretamente aos descamisados, passou por cima dos partidos e da sociedade organizada. Agora, ele mudou, espero que definitivamente, a sua posição, primeiro com o Projeto e, depois, com seu artigo, no qual diz que "cabe agora à sociedade manifestar-se... sobre o futuro que deseja".

Como é impossível reunir a sociedade brasileira em praças públicas, como se fazia com os cidadãos em Atenas, acredito que a pesquisa da CNI será um importantíssimo subsídio nas discussões sobre o Projeto de Reconstrução Nacional e nas tentativas de se entabular um amplo entendimento político e social.

Pelo menos vamos ficar sabendo, pela primeira vez, se os projetos do governo coincidem com as expectativas da sociedade e em que medida o povo está disposto a contribuir para que eles deem certo.

No livro *Il Gattopardo*, Lampeduza descreve uma passagem de uma conversa em que o piemontês Monterzoulo falava ao velho príncipe Fabrício Salina sobre a necessidade de modernizar a Sicília. O príncipe respondeu mais ou menos nessas palavras: "A Sicília já foi invadida diversas vezes ao longo de 2 mil anos, e ninguém conseguiu mudá-la, simplesmente porque os sicilianos não queriam mudar." Finalizando, o príncipe acrescentou: "Os sicilianos não desejaram nunca melhorar pela simples razão de acreditar que são perfeitos. A sua vaidade é mais forte que sua miséria."

□ Ney Lima Figueiredo é consultor da presidência da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).